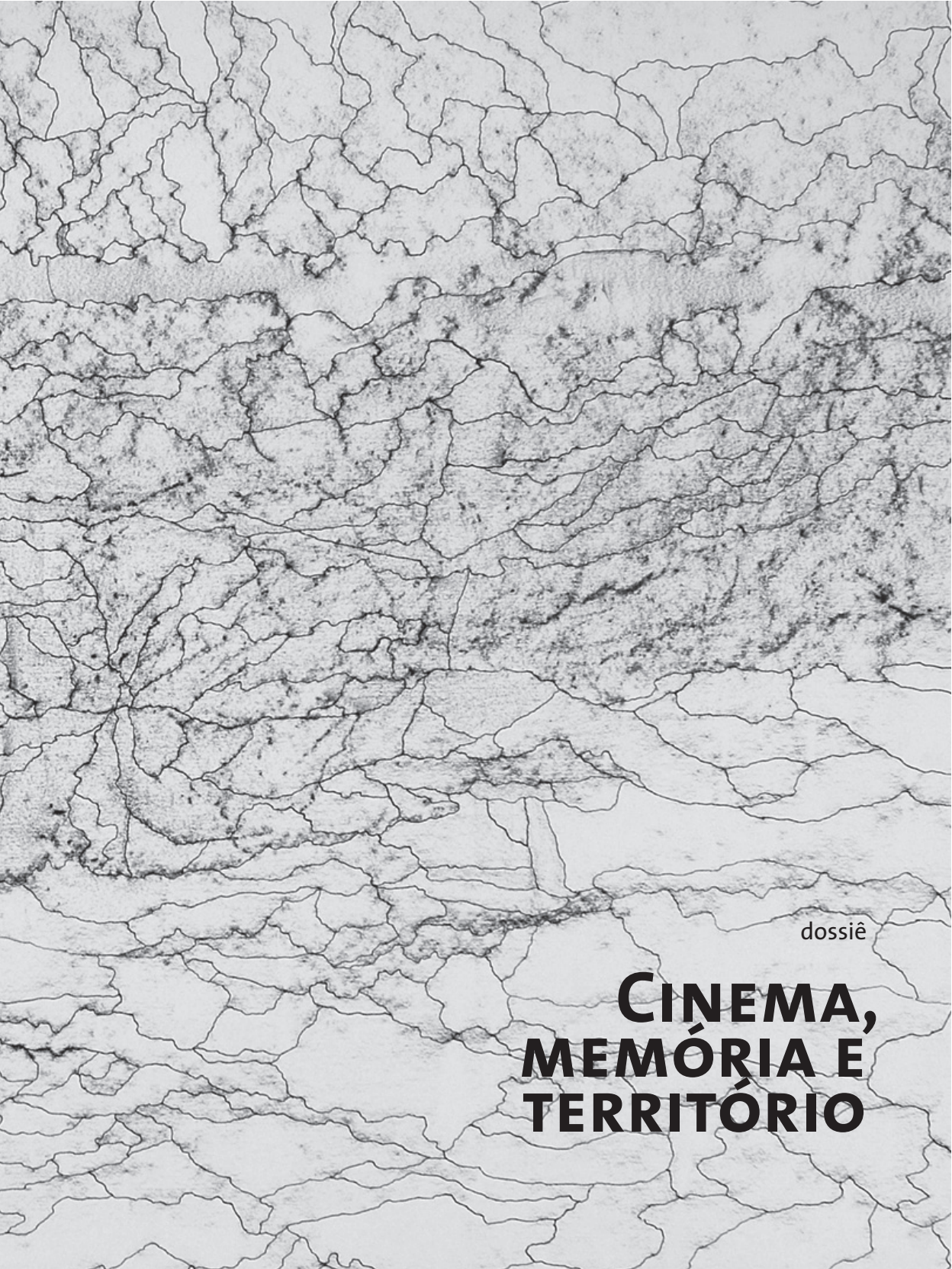




dossiê

CINEMA, MEMÓRIA E TERRITÓRIO

Cinema, memória e território é resultado de um conjunto de encontros e de uma série de acasos. É, antes de mais nada, fruto do encontro com a obra instigante e provocadora de Adirley Queirós, cujo último filme, *A cidade é uma só?*, teve sua primeira exibição pública em Brasília em sessão do nosso cineclubes – o CineBeijoca – em dezembro de 2011. No mês seguinte, em janeiro de 2012, o filme foi premiado na Mostra de Cinema de Tiradentes, e em fevereiro, pouco depois da premiação, fomos a Ceilândia conversar com Adirley. Da longa conversa de quase 6 horas, ficou o registro da entrevista que publicamos nas páginas seguintes.

Em dezembro de 2012, alguns de nós foram a Belo Horizonte acompanhar de perto o festival *forumdoc.bh*. Lá ainda, outro encontro decisivo, com a obra da cineasta e artista plástica francesa Claire Angelini, convidada especial do festival. Lá também iniciamos um contato com o crítico e teórico Jean-Claude Bernardet, que então convidamos para contribuir com um texto para a revista que já planejávamos. Jean-Claude propôs que sua participação, ao invés de se concretizar fixamente como um texto, assumisse uma forma mais dinâmica. Falou-nos de um filme então em produção em Brasília – *Plano B*, de Getsemane Silva e Santiago Dellape –, de que havia participado, visto que esse filme tem como ponto de partida o documentário de Joaquim Pedro de Andrade (corroteirizado

[verso]

CLAIRE ANGELINI

Alfabeto de traços/

Sismógrafo, 2007

Nanquim e grafite sobre
papel, 30×45 cm

por ele) *Brasília: Contradições de uma cidade nova* –, e sugeriu que organizássemos um encontro com os diretores sobre o filme ainda em finalização. A ideia era criar uma oportunidade para participarmos, mesmo que indiretamente, em um processo de realização de um filme, oportunidade que nos pareceu interessante também como ampliação de nossa atividade cineclubista. O encontro deu-se em fevereiro de 2013, com a presença também de Adirley Queirós, e dele retiramos a conversa que fecha este dossiê.

Essa série de encontros e acasos aos poucos definiu os contornos do material que ora apresentamos. Os temas que o organizam – memória e território – emergiram e foram se articulando ao longo e ao ritmo desses encontros. Da entrevista com Adirley Queirós (e de seus filmes), já ressaltava a importância central do tema do “território” e a relevância da articulação memória-história em sua obra – temas e articulações que encontramos também no cinema de Claire Angeli-ni. No trabalho dos dois cineastas, interessou-nos não só essa (ao menos aparente) convergência de interesses e temas (e também de dificuldades próprias desse cinema feito às margens do mercado), mas também as diferenças e as distâncias que os separam – distâncias, talvez, tão longas quanto as que afastam Ceilândia, onde vive e trabalha Adirley, de Paris ou Munique, onde atua Claire. O confronto com o pensamento e os filmes de Adirley alimentou ainda nossa vontade de discutir este território peculiar, que é Brasília, discussão que tivemos a oportunidade de fazer em parte na conversa entre Jean-Claude Bernardet, Getsemame Silva, Santiago Dellape e Adirley Queirós em torno de *Brasília: Contradições de uma cidade nova* e de *Plano B*.

Um ponto de contato importante entre os cinemas de Claire e Adirley tem a ver com algo que caracterizamos como sua “contemporaneidade”. Num texto para lá de famoso, Nietzsche reivindicava, contra a filologia historicista que caracterizava sua época, um prático e provocativo descompasso em relação ao tempo presente. “Pois não saberia que sentido teria a filologia clássica hoje”, diz ele, “senão nela atuar de maneira extemporânea (*unzeitgemäß*), isto é, contra o tempo e, com isso, sobre o tempo e, esperemos, em prol de um tempo por

1 Friedrich Nietzsche. *Zweite Unzeitgemässe Betrachtung*, Kritische Studienausgabe, V. 1, p. 247. O termo alemão em parênteses pode também ser traduzido por “intempestivo” ou “não conforme ao tempo”.

2 Giorgio Agamben. *O que é contemporâneo e outros ensaios*. Trad. Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó (SC): Argos, 2009, p. 58/59.

vir”¹. Posta assim, a contemporaneidade nas considerações do filósofo aparece mais propriamente como uma não-coincidência, como se para atuar e de fato tomar pé no próprio tempo fosse preciso, de certo modo, distanciar-se dele.

Ideia semelhante é expressa por Giorgio Agamben:

“Pertence verdadeiramente ao seu tempo, é verdadeiramente contemporâneo, aquele que não coincide perfeitamente com este, nem está adequado às suas pretensões (...) mas precisamente através desse deslocamento e desse anacronismo, é capaz, mais do que os outros, de perceber e apreender o seu próprio tempo. Essa não-coincidência, essa discronia, não significa naturalmente, que o contemporâneo seja aquele que vive num outro tempo, um nostálgico (...). [Ele] pode odiar seu tempo, mas sabe, em todo caso, que lhe pertence irrevogavelmente (...).”²

Em suma, a contemporaneidade desse cinema de Claire e Adirley está justamente na forma como ele configura algumas distâncias e a busca de uma memória, na contramão das falsas lembranças e das memórias artificiais da cultura de massa. Feitas hoje, essas obras apresentam, em relação às que lhe são contemporâneas, algo de extemporâneo, como se, para melhor se situar no tempo, elas necessitassem dele tomar distância. Essa distância pode ser vista por dois ângulos distintos, o primeiro relativo ao espaço, o segundo em relação ao tempo.

Relativamente ao espaço, chama a atenção a centralidade que assume, nas duas obras, a discussão sobre o território. Distantes da linguagem “universal” dos gêneros, elas buscam a memória de territórios específicos: Brasília e Ceilândia, no caso de Adirley, Dunkerque, Rivesaltes, Aurès, Stolp, Sakiet Sid Youssef e outros, no caso de Claire. Esse olhar sobre o território tem, certamente, diferenças importantes de um para outro – em Adirley, a evocação e a reivindicação do território (do “canto”) de Ceilândia liga-se a uma questão identitária importante, o que não ocorre necessariamente nos filmes de Claire –, mas em ambas as obras a “apropriação” de um território específico liga-se a um gesto, a uma vontade de resistência que se concretiza no filme.

Quanto ao tempo, a obra de Claire e Adirley aparecem como uma busca de outras temporalidades, ligada sobretudo à necessidade de se constituir uma memória. E o fato dessa não aparecer, ou ter sido apagada do presente, os faz sair em busca de outros tempos. Ou mais particularmente, de uma relação mais complexa entre eles. Também Plano B, de Getsemane Silva e Santiago Dellape, pode ser visto nessa perspectiva: o que o filme procura, no fundo, é uma imagem de Brasília na qual ela não é simplesmente um monumento do passado, mas uma cidade em construção permanente.

As relações, mais ou menos tensionadas, entre território, memória e história são o tema recorrente das entrevistas e da conversa que aqui apresentamos. A memória não faz a história, lembram, de forma coincidente e independente, tanto Jean-Claude na conversa que fecha nosso dossiê quanto Benoît Turquety, comentando o último longa de Claire Angelini. O confronto entre história oficial e rememoração é um dos temas centrais de *A cidade é uma só?*, assim como o contraste entre memória e memorial é recorrente na obra plástica e fílmica de Claire. Tanto Claire quanto Adirley buscam com suas obras outras maneiras de pensar essas relações, a partir especificamente das possibilidades abertas pelo cinema – arte do tempo por excelência.

Essa contemporaneidade que é ao mesmo tempo “extemporaneidade”, distanciamento e resistência, ganha inevitavelmente um caráter político, assumido explícita e conscientemente por Claire e Adirley em suas entrevistas, e destacado pelos comentadores que analisam suas obras. Não se trata de obras militantes ou engajadas, no sentido em que geralmente se pensa isso, mas de filmes que se organizam a partir da peculiar inserção desses cineastas no presente – inserção que, marcada pela rejeição, vem também envolta em uma espécie de melancolia. O discurso heróico e combativo, comum em parte significativa dos filmes políticos de todos os tempos, dá lugar a um discurso marcado pelo silêncio, pelos longos planos imóveis, pelas perambulações aparentemente aleatórias. O desejo de transformação, de subversão, parece “travado”, para lembrar um termo usado por Claire Angelini para se referir à situação contemporânea: resistir, e mesmo assim por um tempo limitado, mais do que subverter, parece ser o que resta.

Eis aí, talvez, o sintoma (mas também a raiz) de um dos grandes paradoxos dessas obras. Dirigidas a seu tempo, e refletindo concomitantemente seu caráter “travado”, encontram, no entanto, pouco eco junto ao público. É possível que muitos de nossos leitores estejam ouvindo pela primeira vez os nomes de Claire Angelini e Adirley Queirós. Nunca foi tão fácil fazer filmes, mas continua difícil como sempre – talvez mais difícil do que nunca – dar real visibilidade aos pequenos gestos de resistência, que somem diante dos consensos como Dildu, em sua solitária panfletagem por Ceilândia, desaparece, engolido pelo gigantesco comício que promove a candidatura dos candidatos oficiais.

Nossa esperança é que, com a pequena contribuição deste dossiê, possamos ajudar a amplificar o eco que essas obras – assim acreditamos – merecem.

[RAQUEL IMANISHI, BRUNA WIECZOREK, CLAUDIO REIS]

